



# Alerta de mãe

VICKI SHIELS

**Uma mulher  
australiana  
traz um  
recado para  
nossos jovens  
motoristas**

**M**EU FILHO Ryan não via a hora de estar ao volante de um carro. No dia em que completou 16 anos, às nove horas da manhã, requereu a licença para conduzir, marcando o exame de habilitação para exatamente um ano depois, 14 de dezembro de 1993, quando quase alcançou a nota máxima. Naquele mesmo dia, meu marido Gary e eu lhe demos um Ford Laser três portas, “velho, mas em boas condições”. Parecia ser o carro ideal para ele – além de econômico, com baixo custo de manutenção.

Ryan era um típico jovem de 17 anos, com um adolescente entusiasmo pela vida. Jogava tênis e críquete e acompanhava todo tipo de esporte na televisão. Alto e meio desajeitado, sempre sorridente, com um maravilhoso senso de humor, começava a fazer sucesso entre as garotas. Adorava brincar com computadores sendo que, muitas vezes, resolvia problemas do nosso próprio sistema de consultoria em planejamento urbano.

Como muitas vezes acontece com filhos únicos, Ryan era amadurecido para sua idade, levando a sério os estudos. Estava determinado a sair-se bem na prova de conclusão do colegial de 1994, chegando a tomar aulas particulares de matemática durante o feriado do Natal. No Dia Nacional da Austrália de 1994, cerca de uma semana antes do reinício das aulas, ele quis passar al-

guns dias com um amigo que se mudara de um bairro próximo a Coogee para Kenthurst, a noroeste de Sydney. Concordamos, desde que dirigisse com cuidado. “Não se preocupe, mãe”, sorriu enquanto fazia a mala e apanhava as chaves do carro.

Às 15h20min, Ryan perdeu o controle do carro em uma curva próxima a Kenthurst e derrapou no acostamento de cascalho. Tentando evitar um poste, virou bruscamente a direção, e o carro capotou no ar. A polícia acredita que ele estivesse em alta velocidade.

Rapidamente, Ryan foi transportado de helicóptero ao Hospital Royal North Shore, em Sydney. Nós chegamos bem no instante em que ele era levado, inconsciente, à sala de emergência, com a cabeça envolta em ataduras. Fomos conduzidos à sala de espera. Então começou o pesadelo.

As primeiras palavras do médico foram confusas. Ouvi algo sobre traumatismo craniano, pressão no cérebro e a necessidade urgente de operação. Nas horas seguintes, eu quase acreditava que Ryan entraria por aquela porta, sorrindo e dizendo: “Oi, papai, mamãe, sinto muito, agora estou bem.” Em vez disso, esperamos, e esperamos. Finalmente um cirurgião se aproximou. Com expressão carregada, meneou a cabeça.

“Sinto muito”, disse. “Não há esperanças.”

Quando olhei para Ryan na UTI, pensei que meu coração ia se despedaçar. Meu amado filho, atlético, confiante, atrevido, estava deitado, imóvel, em uma cama. Um respirador inflava ar em seus pulmões, e agulhas e tubos

transportavam fluidos para suas veias. Piscando, os monitores de batimento cardíaco e de pressão arterial rodeavam-no. Seus lindos olhos castanhos estavam abertos, mas sem vida, fixos no teto.

Gary consultou outros especialistas. O prognóstico era sempre o mesmo. A única parte ativa de seu cérebro era o centro controlador da respiração. Assim que desligassem os aparelhos, explicaram os médicos, Ryan continuaria a respirar por alguns dias, mas até mesmo esta função cessaria. Estávamos arrasados, os corações despedaçados. Demo-nos conta de que era hora de dizer adeus.

Amigos e parentes sitiaram o hospital para despedir-se de Ryan. Então, às quatro horas da madrugada, nove dias após o acidente, quando tudo estava quieto e apenas eu e Gary estávamos com ele, nosso filho calmamente deu o último suspiro.

No funeral a igreja transbordava de amigos da escola e professores. Na curva do acidente, um colega de classe colocou uma cruz branca. Pouco dias depois, as autoridades rodoviárias substituíram a placa de limite de velocidade de 80km/h por outra de 65km/h.

Eu sei que todos os jovens pensam “Não vai acontecer comigo”. Gostaria que assim fosse. Mas a cada ano, morrem nas estradas australianas cerca de 250 jovens com menos de 25 anos. Excesso de velocidade e bebidas alcoólicas não são as principais causas desses acidentes. Ryan não bebia. O verdadeiro assassino é a combinação fatal de inexperiência com excesso de confiança.

Esta é minha mensagem para todos os jovens: a carteira de habilitação não faz de você motorista competente. Não há nada no exame de habilitação que mostre a um jovem motorista como reagir frente a uma situação de perigo numa fração de segundo, ou como agir quando o carro está descontrolado.

Aos 17 anos, talvez você se sinta invencível. Mas, “por favor”, lembre-se de que a cada semana bons meninos, responsáveis, assim como o nosso filho,

são mortos devido a um simples erro de avaliação. Você não terá uma segunda oportunidade.

Sentimos falta de Ryan. Nossa casa, sempre cheia de risadas, agora nos ensurdece com seu silêncio. Daria tudo para ouvir, uma vez mais: “Oi, mãe. Cheguei!”

---

*Se você conhece algum jovem motorista, mostre-lhe este artigo. Pode salvar uma vida.*

© 1995 DE VICKI SHIELS. CONDENSADO DE ARTIGO DO THE SYDNEY MORNING HERALD, EDIÇÃO DE 20 DE NOVEMBRO DE 1995, SYDNEY



## ***A contagem do tênis***

SE VOCÊ sempre quis saber por que os pontos nas partidas de tênis são contados em 15, 30 e 40, a resposta é simples. O precursor francês original do jogo dos dias de hoje era praticado em grandes saguões no interior de castelos, em uma quadra retangular, demarcada com linhas que atravessavam de um lado para o outro. Os jogadores sacavam de um lado acertando a bola acima da rede e contra a parede ao longo da quadra. O público assistia às partidas do lado oposto à parede.

As linhas horizontais dividiam a quadra em quatro faixas paralelas de 15 polegadas, em ambos os lados da rede. Cada vez que um jogador fazia um ponto, avançava uma faixa, aproximando-se assim, gradualmente, do centro da quadra. A partida começava na linha de zero polegada e quando um jogador fazia um ponto, avançava até a linha de 15 polegadas, depois para a de 30 polegadas e, finalmente, à linha de 45 polegadas, antes de vencer a partida. Por considerar-se que a última linha estava demasiadamente próxima à rede, o último serviço foi recuado à linha de 40 polegadas. Foi assim que surgiu o sistema de 15, 30 e 40 pontos. Embora o jogo tenha se tornado um esporte ao ar livre, praticado em quadras de grama ou saibro, ainda se utilizam estes sistemas de pontuação. Em 1874, um major inglês deu o nome de tênis ao jogo e estabeleceu as regras que conhecemos.

*Libération, Paris*

---

EM UM BOLETIM da igreja em Rensselaer, Nova York: “Não deixe de colaborar com a Feira Internacional de Alimentos. Precisa-se de mapas do mundo e de outros países.”